

A cultura e a vida

O Sr. João Gaspar Simões não respondeu ao meu segundo artigo sobre a cultura e a vida, publicado no último número. Ora, como quando da publicação do primeiro artigo o Sr. Gaspar Simões se tinha apressado a responder-me na introdução de uma das suas críticas semanais do «Suplemento literário», ocorre-me perguntar: qual a razão do seu silêncio desta vez? Não lhe merecerei eu ou não lhe merecerá esta revista a honra de uma resposta? Terá resolvido não me responder por me considerar de má fé? Não compreendo que estas razões o tenham determinado, porquanto eu procedi com a máxima correcção para com o Sr. Gaspar Simões e esta revista, que me conste, nunca o ofendeu. Supor-me-á um obsecado, incapaz de compreender a subtilidade dos seus argumentos? Não, não pode ser isso, porque até aqui ainda não pude ajuizar da minha capacidade para compreender argumentos, subtis ou não, porque ainda mos não apresentou. (Aquella explicação de que separa a cultura da vida porque gosta de pôr ordem nas idéas, como julgo ter demonstrado, não era sequer um argumento...)

E' bem lamentável, mas só encontro uma justificação para o silêncio do Sr. Gaspar Simões: o crítico não respondeu às considerações do meu artigo, porque lhe pareceu perigoso descer à rua a «meter-se com os rapazes». Diz a velha sabedoria, que por certo corre nas veias do Sr. Gaspar Simões: «com os rapazes ninguém se meta». E o crítico pressente que, às duas por três eles são capazes de transformar uma subtil decantação de idéas numa pavorosa batalha, campal de inconveniências e impropérios! Teria alguém convencido o autor dos *Amores infelizes* de que eu sou um «sans culotte» do jornalismo jovem capaz de o bombardear com insultos, quando não souber responder-lhe com argumentos? Sabe-se lá!... Para tirar tódas as dúvidas, aqui estou mais uma vez, com este novo artigo, pronto a demonstrar que não sou — como dizer? — um bárbaro e que se pode ter comigo comércio espiritual...

Escreve o Sr. Gaspar Simões no «Suplemento literário» do «Diário de Lisboa», n.º 212: «Quando digo... que tal ati-

tude de uma personagem de romance é inverosimil querero dizer que essa inverosimilhança esteja na vida: a vida está cheia de *inverosimilhanças verosímeis*, deixem-me dizer assim. Como apreciador de romances que sou, a inverosimilhança a que me refiro é a inverosimilhança da realidade descrita neles. Se digo, por exemplo, que a história de tal homem que partiu para a cidade e venceu não é verosimil é porque essa história está mal contada. Não quero dizer, evidentemente, que não haja muitos que tenham descido à cidade e que tenham vencido. O homem da tal história é que não podia ter vencido; pelo que nela nos contam tinha de ser derrotado. E' certo que tudo «é possível nas passagens desta vida». Caso contrário diremos que aquilo que se nos conta é impossível: a vida tem o direito de ser inverosimil, o romancista que a reproduz não.»

Esta passagem parece desmentir a afirmação por mim feita, no meu anterior artigo, de que o Sr. Gaspar Simões para determinar a verosimilhança dos personagens de romance os compara com os «personagens» da vida. O Sr. Gaspar Simões parece querer-nos dizer que a «verosimilhança literária» é perfeitamente independente da vida, uma vez que consiste na lógica do encadeamento dos factos, no nexo particular que deve existir entre os personagens, o ambiente em que se movem, e sua conduta ao longo do romance.

Mas, esta distinção entre *verosimilhança procurada na vida* e *verosimilhança procurada na lógica do enredo*, não pode passar. Se bem compreendo o Sr. Gaspar Simões, não se pode acusar um romancista de inverosimilhança por criar ou resolver situações romanescas que na vida seriam impossíveis, e isto pela razão de que «tudo é possível nas passagens desta vida» e de que a vida está cheia de aparentes *inverosimilhanças* que são de facto *verosímeis*. Mas, na opinião do Sr. Gaspar Simões, o romancista já pode ser acusado de uma *inverosimilhança própria* do romance, porque «a vida é uma coisa e o romance é outra»: essa *inverosimilhança* consiste numa falta de lógica na acção dos personagens.

Mas, onde é que o Sr. Gaspar Simões vai buscar o modelo, o *canon* desta lógica do romance? A' vida, aos outros romances ou à sua cabeça? Se é à vida, prova-se que eu tenho razão, insistindo em que há relações íntimas entre a cultura e a vida; se é aos outros romances, como elles são obras humanas, geradas na vida e que reflectem a vida, tenho também eu razão; se é à cabeça do Sr. Gaspar Simões, razão tenho igualmente, porque o Sr. Gaspar Simões é suficientemente humano para não poder ter a pretensão de ter criado o mundo da sua cabeça independentemente do meio!

E, assim, a pretensa verosimilhança do romance, a pretensa lógica do romance é afinal modelada sobre a vida. Por mais esforços que os intelectuais subjectivistas e idealistas façam para fugir da vida estão irremediavelmente ligados a ela. E' por isso que é falsa a sua doutrinação quan-

do pretendem convencer-nos de que a vida é uma coisa e a cultura outra. Por maior que seja a sua ansia de evasão para o reino abstracto da cultura, das verosimilhanças literárias e de outras *jonglerias* sem sentido,—a vida segura-os inexoravelmente e prende-os à terra.

O que é lamentável é que, inconscientemente, os intelectuais subjectivistas sirvam aqueles interesses que só têm a lucrar com as fugas para o reino abstracto da cultura e com as offensivas contra o espirito realista. O destino infeliz dos subjectivistas é servirem aqueles que temem a verdade e por isso preferem o metafísico ao humano, o psicológico «puro» ao social, o abstracto ao concreto... Triste destino, irónico destino o dos subjectivistas: servirem a mistificação contra a verdade e os mitos e fetiches contra a vida, *jugando-se livres!*...

RODRIGO SOARES

Comentário

(Continuação da página dois)

tas coisas, fizeram uma intensa propagação para a resolução dos problemas nacionais e contra a corrupção da vida política da República, mas explicaram pouco. Esqueceram-se de que os males sociais podem ser cientificamente explicados e por isso mesmo cientificamente combatidos. Viram idéas, só idéas, em tudo problemas de idéas, como intelectuais que eram. Não atenderam aos factos essenciais, ao momento histórico que se vivia, à fase por que então passava a economia e às suas relações com a vida política nacional e internacional (e ainda às consequencias ideológicas). A falta de realismo foi uma característica dominante de todo o movimento *seareiro*. Não faltariam exemplos disso. Por agora, bastará, talvez, dizer que Raúl Proença e, de uma maneira geral, os homens da «Seara» viam no século XX uma época de consolidação da democracia.

Pelo seu idealismo, alheamento das realidades fundamentais e teimosa confiança na eficacia de uma propaganda doutrinária abstracta e nos intelectuais (tantas vezes *escorrejados*) a «Seara Nova» foi um movimento fallhado, de que nos fica apenas, principalmente de Raúl Proença, uma bella lição de civismo.

LUIS VIEIRA